

SUJEITO E IDEOLOGIA EM PÊCHEUX: O QUE REVELAM UMA PUBLICAÇÃO E UM COMENTÁRIO DE JAIR BOLSONARO SOBRE A SAÍDA DO BRASIL DO PACTO MIGRATÓRIO

Fernanda Deah Chichorro Baldin¹

RESUMO

Este texto mobiliza os conceitos de sujeito e ideologia para Pêcheux ([1979], 2008). O objetivo é realizar, com essas duas noções, a análise de dois textos na página do presidente Jair Messias Bolsonaro, postados na rede social Facebook em janeiro de 2019, quando da saída do Brasil do Pacto Migratório. Os dois textos são um post publicado pelo presidente e um comentário feito por ele em seu post original. Neles, podem-se observar como a justificativa para a saída do Pacto Migratório está ancorada em ideais de estado-nação, de valores cívicos, de “amor” ao Brasil e na sua naturalização.

Palavras-chave: sujeito, ideologia, Michel Pêcheux, pacto migratório.

Introdução

A questão do sujeito relacionado à ideologia é fundamental para o pensamento de Pêcheux. Ela o acompanha desde seus primeiros escritos em 1969 e apesar de sofrer algumas modificações ao longo de seus estudos, tem seu delineamento imprescindível em *Semântica e discurso*, publicado em 1975. O presente texto recupera algumas das noções pêchetianas, especialmente sobre sujeito e ideologia, debruçando-se no livro mencionado. De saída é interessante observar que o conceito de sujeito passa de um assujeitamento total aos “aparelhos ideológicos do estado” à existência de porosidades (no dizer de Foucault) em que o sujeito pode agir. Porosidades essas especialmente da ordem do inconsciente, na formulação lacaniana. Nesse texto, definimos os conceitos de

¹ Doutoranda em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR); Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); professora adjunta na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: fernandabaldin@utfpr.edu.br.

sujeito e ideologia para Pêcheux, esclarecendo como eles se encontram interligados e, partindo deles, analisamos duas postagens do presidente Jair Messias Bolsonaro sobre a saída do Brasil do Pacto Migratório.

Sobre a Análise do Discurso: sujeito e ideologia

O ano de 1969 é importantíssimo para os estudos do discurso. Além de *A Análise Automática do Discurso*, são publicados no mesmo ano, *A arqueologia do Saber*, de Michel Foucault; e é realizado o Seminário 17, O avesso da Psicanálise, proferido por Jacques Lacan. Pêcheux inaugura a Análise do Discurso, no caldo desse momento em que os estudos discursivos emergem. Pêcheux percebe a necessidade de um campo de estudos que articule a enunciação à história e às imposições que as condições sociais impõem para essa enunciação. Para esse estudioso, a linguística – fonologia, morfologia, sintaxe – não dão conta de analisar enunciados, por não ser essa sua preocupação, uma vez que têm na frase seu maior limite. Além disso, a Linguística (dita tradicional) ocupa-se a partir de Saussure, a estudar a língua fora de seu contexto social, ou seja, uma língua que não está em jogo nas relações sociais. Ainda assim, a Análise do Discurso tem em uma de suas ancoragens a releitura linguística saussuriana, sendo as outras duas, releituras de Marx e Freud. Pêcheux, Althusser e Lacan e suas revisitações à Linguística, ao materialismo histórico e à psicanálise, iniciam, assim, o que se chama virada linguística, e os estudos discursivos fundamentados nos materialismos histórico e dialético, sem descuidar de processos sintáticos e de enunciação e de questões semânticas. Todas essas questões encontram-se articuladas e embebidas por uma teoria da subjetividade de base psicanalítica. Assim, toda enunciação emerge de condições de produção específicas, nas quais sujeitos vivem e se relacionam. São formações ideológicas que possibilitam e cerceiam o que determinados sujeitos podem dizer sob determinadas circunstâncias. Essas formações ideológicas estão subordinadas à ideologia, que nos condiciona a ter determinados posicionamentos ante as “coisas”:

Se é verdade que a ideologia ‘recruta’ sujeitos entre os indivíduos (no sentido em que os militares são recrutados entre os civis) e que elas os recruta a *todos*, é preciso, então, compreender de que modo os ‘voluntários’ são designados nesse recrutamento, isto é, no que nos diz respeito, de que modo todos os indivíduos *recebem como evidente* o sentido do que ouvem e dizem, lêem ou escrevem (do que eles querem e do que se quer lhes dizer), enquanto

‘sujeitos-falantes’: compreender realmente isso é o único meio de evitar repetir, sob a forma de uma análise teórica, o ‘efeito Münchhausen’, colocando o sujeito como origem do sujeito, isto é, no caso de que estamos tratando, colocando o sujeito do discurso como origem do sujeito do discurso. (PÊCHEUX, 2014, p. 144)

Para Pêcheux, o sujeito não é a origem do discurso – daí as noções de memória e interdiscurso. Mais radicalmente no início de suas formulações em 1969, o sujeito é falado pela ideologia, não tendo participação no discurso. Naquele momento, embebido pela conjuntura histórico-político-social (condições de produção), é compreensível sua proposição e defesa da *Análise Automática do Discurso*, uma máquina capaz de extrair a “verdade” dos discursos. Em *Semântica e Discurso*, Pêcheux assevera, em diálogo e citação de Althusser (de quem havia sido aluno), que há duas proposições intermediárias básicas a se considerar quando se desenvolve a tese de Althusser “A ideologia interpela os indivíduos em sujeitos.” São elas: “Só há prática através e sob uma ideologia.” (ALTHUSSER, apud PÊCHEUX, 2014, p. 134) e “Só há ideologia pelo sujeito e para sujeitos.” (ALTHUSSER, apud PÊCHEUX, 2014, p. 135)

Ainda sobre a ideologia, Pêcheux garante que

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc, evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos o *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, p. 146)

Ou seja, não existe nada dado na língua, nos enunciados. Eles são proferidos por sujeitos específicos, moldados pela ideologia (e, portanto, por formações ideológicas) que se materializam em formações discursivas – o que pode e/ou deve ser dito) sobre as quais não há (total) consciência. Somos seres atravessados por ideologia e, ao mesmo tempo, inconscientes disso. Assim, podemos retomar os dois esquecimentos de que fala a AD. O esquecimento número 1 que se denomina esquecimento ideológico: “ele é da instância do inconsciente e resulta pelo modo pelo qual somos afetados pela ideologia.” (ORLANDI, 2009, p. 35) Por meio desse esquecimento, pensamos ser a origem do nosso discurso, donos do nosso dizer. Para Orlandi (2009, p. 35): “Na realidade, embora se realizem em nós, os sentidos apenas se representam como originando-se em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isto que significam e não pela nossa

vontade.” O esquecimento número 2 tem relação com a enunciação. Quando falamos, usamos determinadas formas e não outras. Haveria inúmeras formas de dizer o mesmo. No entanto, para nós “enunciadores”, há a ilusão de que o que dizemos é pura e simplesmente o que pensamos, ou seja, falar é expressar o pensamento de forma límpida. É evidente que nem sempre “dizemos” o que dizemos da mesma maneira e recorremos a paráfrases para explicitar melhor o que falamos. Referimo-nos a esse esquecimento como “enunciativo e que atesta que a sintaxe significa: o modo de dizer não é indiferente aos sentidos.” (ORLANDI, 2009, p. 35).

As teses fundamentais do materialismo de Pêcheux em *Semântica e Discurso* e que sustentam toda a proposta do livro são: “(1) o mundo “exterior” material existe (objeto real, concreto-real); (2) o conhecimento objetivo desse mundo é produzido no desenvolvimento histórico das disciplinas científicas (objeto de conhecimento, concreto de pensamento, conceito); (3) o conhecimento objetivo é independente do sujeito.” (CARVALHO, 2008, p. 60). Apesar da existência desse mundo “exterior”, ele só é aprendido pela linguagem por meio dos discursos, que apresentam tanto ideologia - por meio das formações ideológicas – e que se revestem de enunciados a partir das formações discursivas que são permitidas em determinadas formações ideológicas. Desse modo, há um certo limite imposto aos sujeitos sobre o que eles podem falar. Determinadas posições ideológicas só permitem dadas formações discursivas e o contrário também é verdadeiro.

Disso decorre que, para Pêcheux, o sentido das palavras não existe por si; elas estão inscritas num determinado processo ideológico, num momento sócio-histórico e seu sentido é determinado por eles. As posições sustentadas por aqueles que as empregam configuram-se em referência às formações ideológicas. O autor cunha o conceito de formação discursiva, que é o que em uma determinada formação ideológica, ou seja, a partir de uma posição dada numa conjuntura específica, determinada pelo estado de luta de classes, delimita *o que pode e deve ser dito*. (PÊCHEUX, 2014, p. 147)

Ainda, segundo o filósofo, o que está na fundação do entendimento entre a base - linguística - e o processo que é ideológico-discursivo tem sua confirmação pelo fato de

[...] se uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes – todos igualmente ‘evidentes’ – conforme se refiram a esta ou aquela formação discursiva, é porque – vamos repetir –

uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem *um* sentido que lhe seria ‘próprio’ vinculado a sua literariedade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva. (PÊCHEUX, 2014, p. 147-148)

Da citação anterior podemos depreender uma segunda proposição de Pêcheux, que é a de que toda formação discursiva tem sua dependência com relação ao ‘todo completo com dominante’ das formações discursivas, entrelaçado e embebido no complexo das formações ideológicas. Desse modo, retomamos o enunciado “Algo sempre fala antes de nós.” Explica Pêcheux o funcionamento da ideologia:

O funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece ‘a cada sujeito’ sua ‘realidade’, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas. (PÊCHEUX, 2014, p. 149)

Dessa maneira, somos levados a ser e agir como sujeitos pela ideologia, esquecendo-nos de que não somos nem donos do nosso dizer, nem com relação às formas (esquecimento número 2), nem com relação ao “sentido” ou ao que “queremos dizer” (esquecimento número 1). A ideologia está preenchida pelos domínios do pensamento, que são constituídos sócio-históricamente sob a forma de pontos de estabilização que produzem o sujeito *com*, simultaneamente, aquilo que lhe é dado a ver, compreender, fazer, temer, esperar etc. (PÊCHEUX, 2014, p.148).

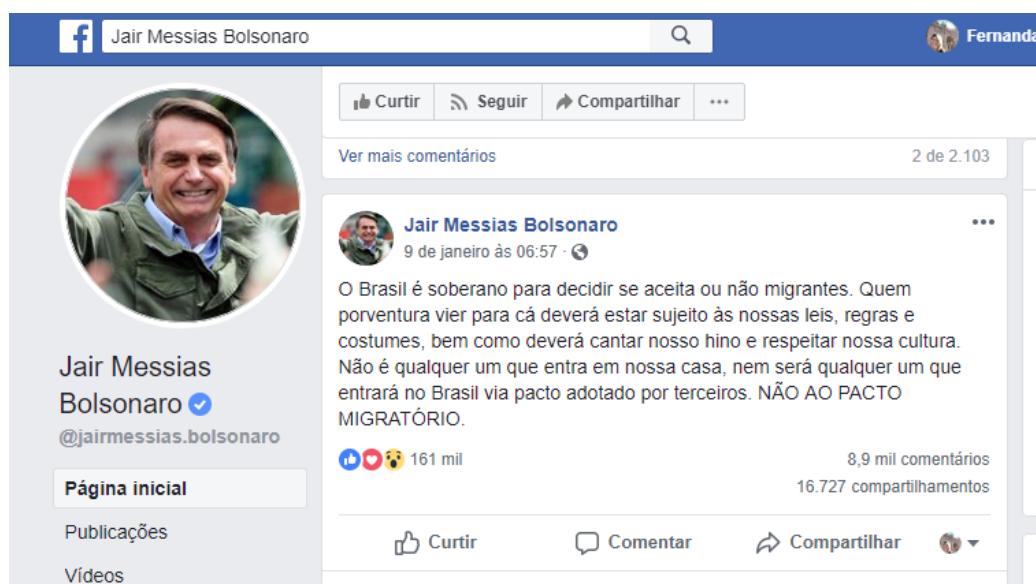
Da análise: ideologia e discurso

Os textos que analisaremos são duas publicações feitas na rede social Facebook na página oficial do então atual do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, a respeito da saída do Brasil do Pacto Migratório. As publicações foram feitas no dia 9 de janeiro de 2019. Uma delas é um post e a outra um comentário ao próprio post – o primeiro feito, antes mesmo de qualquer interação do público. As mensagens foram postadas às 6h57 e às 9h43min respectivamente. Ao ler vários comentários à postagem original e observar seus horários, podemos entender que a segunda mensagem – em forma de comentário – é uma resposta a uma ou mais interações de outros usuários da mesma rede social, seja com o autor da postagem, sejam com outros usuários. Aqui nos

restringiremos à análise dos dois posts publicados em nome de Jair Messias Bolsonaro – em sua página oficial (supondo que seja ele próprio o autor ou sua equipe, o que não invalida a autoria, especialmente porque o presidente afirma preferir interagir com a população diretamente, sem assessores de imprensa).

A primeira postagem, realizada às 6h57min, é a seguinte:

Figura 1: Mensagem em formato de *post* na página do perfil do presidente Jair Messias Bolsonaro na rede social Facebook.



Fonte: Página do Facebook de Jair Messias Bolsonaro²

Na sequência discursiva (SD) “O Brasil é soberano para decidir se aceita ou não migrantes.”, é interessante observar o uso da palavra soberana, num forte apelo à parte do slogan da campanha do presidente “Brasil acima de tudo”. Ou seja, reforça a ideia de que o Brasil é mais importante do que qualquer outro país ou região. Os chamados símbolos pátrios também têm lugar preferencial nesse *post*, na SD “Quem porventura vier para cá deve estar sujeito às nossas leis, regras e costumes, bem como deverá cantar o hino e respeitar nossa cultura.” Não é só necessário submeter-se às leis e regras, mas também aos “costumes”, naturalizando a ideia (a ideologia) de que todos os brasileiros têm os mesmos costumes, e, ainda, que esses costumes tiveram uma origem comum e, mais, autóctona. Desconsidera-se toda a miscigenação que deu origem ao chamado “povo brasileiro” em que diversas etnias conformaram a população que habita as fronteiras internas do país.

² <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/>. Acesso em 14/01/2019, às 8h34min.

Esse discurso ufanista expõe uma formação discursiva, alinhada a uma formação ideológica, que uniria todos os brasileiros na defesa da “pátria”. Charaudeau e Maingueneau (2018) no *Dicionário de Análise do Discurso*, na entrada da “formação discursiva”, observam que Foucault (2004) cunha o termo “formação discursiva” em *A arqueologia do saber* e esse termo tem acolhida na AD a partir de Pêcheux, já que este “propunha que toda ‘formação social’, caracterizável por certa relação entre as classes sociais, implica a existência de ‘posições políticas e ideológicas, que não são feitas de indivíduos, mas que se organizam em formações que mantêm entre si relações de antagonismo, de aliança ou de dominação.’” (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2008, p. 241). Quem “porventura” vier para cá terá que respeitar “nossa cultura”, comprovando discursivamente a ideia de cultura única atrelada à noção de pátria.

O Hino Nacional adquire contornos e grande importância na cultura de valorização, apreço e respeito à “pátria”. Ser merecedor de habitar o país passa por conhecer, valorizar, respeitar símbolos nacionais. Na SD, “Não é qualquer um que entra em nossa casa, nem será qualquer um que entrará no Brasil via pacto adotado por terceiros.” Nessa formação ideológica, há um paralelismo entre casa-Brasil (pátria). Escolhemos quem entra em nossa casa, portanto, devemos escolher quem entra no Brasil. Esse discurso de simetria entre país-casa esclarece quem é o “dono” do Brasil. Se os donos da casa decidem quem entra em sua casa, o Presidente (dono do país) decide quem entra no país. A tentativa de dissolver o *eu* (“presidente”), no *nós* (Brasileiros) enseja a decisão do presidente (máximo representante, escolhido pelo povo). É relevante observar que, embora seja Jair Bolsonaro o autor desses dois textos no Facebook, ele não é a origem desse discurso, ou seja, o indivíduo não é a fonte do seu discurso conforme já apresentamos. Esse dizer que associa casa à pátria e amor incondicional à pátria é recorrente e já foi usado em outros momentos de nossa história. Ele encontra eco em (boa) parte da população. De acordo com Pêcheux (2014, p. 159-160): “a *tomada de posição* não é, de modo algum, concebível como um ‘ato originário’ do sujeito-falante; ela deve, ao contrário, ser compreendida como efeito, na forma-sujeito, da determinação do interdiscurso como discurso-transverso [...].” A crítica da postagem ao Pacto Migratório encontra seu ápice e fechamento na SD final, em letras maiúsculas, exacerbando sua importância: “NÃO AO PACTO MIGRATÓRIO.” Por que não ao pacto migratório? Porque nosso país é nossa casa e nós, brasileiros – via seu

representante máximo – somos quem decide sobre quem entra ou não no Brasil e só poderá entrar quem se mostrar respeitoso e cultivador de símbolos pátrios. Nesse texto, em nenhum momento se faz alusão à perspectiva de interação entre pessoas nascidas em diferentes países no Brasil ou à migração de estrangeiros como oportunidade de conhecer o Outro, de aproximar-se de outros saberes e aprofundá-los. O que se evidencia é somente uma espécie de submissão ao que “ser brasileiro” implica para estrangeiros que, no Brasil, desejem residir. Daí que fica clara a posição ideológica de onde vem essa formação discursiva.

Ao sair do grupo de 164 países que assinaram o Pacto Migratório e ao mostrar que país e casa têm o mesmo estatuto – o governo brasileiro assinala que, pelo menos no quesito migração, não está disposto a discutir com a Organização das Nações Unidas (ONU), nem acolher decisões tomadas em conjunto. Note-se que é permitido entender pelo texto a ONU como “terceiros”. O diálogo a ser estabelecido é com o Brasil e seus anseios.

Essa possibilidade de interpretação é reforçada pelo segundo texto analisado – o comentário postado às 9h43 min – que segue:

Figura 2: Comentário do presidente Jair Messias Bolsonaro em seu perfil na rede social Facebook a seu próprio post.



Fonte: Página do Facebook ³de Jair Messias Bolsonaro ³

³ <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/>. Acesso em 14/01/2019, às 8h35min

Na SD “Jamais recusaremos ajuda aos que precisam, mas a imigração não pode ser indiscriminada.” fica patente uma resposta a um ou mais comentários sobre a ausência de preocupação do Governo com os direitos humanos e as pessoas que precisam fugir seja de guerras, perseguições ou mesmo da pobreza. Além disso, se é necessário ter regras claras, especialmente as de apreço, respeito e adesão aos valores nacionais, como não se recusará “ajuda aos que mais precisam?” Mostra-se aqui um discurso bastante contraditório. Além disso, a oposição entre “jamais” e “mas” deixa claro que a ênfase é na segunda oração (“a imigração não pode ser indiscriminada.”). Na SD, “Se controlamos quem deixamos entrar em nossas casas, por que faríamos diferente com o nosso Brasil”? Aliada à ideia de soberania, ratificada na SD “A defesa da soberania nacional foi uma das bandeiras de nossa campanha e será uma prioridade do nosso governo.”, a ideia de segurança é exaltada no comentário, na seguinte SD “Os brasileiros e os imigrantes que aqui vivem estarão mais seguros com as regras que definiremos por conta própria, sem pressão do exterior.” O Brasil, então, é capaz de definir e garantir mais segurança conforme as possibilidades e características do país. Fazer parte do pacto da migração, para o governo brasileiro, é estar sujeito a pressões e obrigações que não foram definidas pelo Brasil. O descolamento do Brasil com relação aos outros estados do mundo e o isolamento (que parece não percebido pelo presidente Jair Bolsonaro) e escolhas “próprias” pelos brasileiros alça o país a uma condição (imaginária) de poder viver e decidir o que quer distante de relações com o exterior.

Verificamos pelos exemplos que o sujeito está interpelado pelas formações discursivas que tem em sua base formações ideológicas a que ele se filia sem mesmo ter consciência disso. Os esquecimentos estão no cerne do que constitui o discurso, cuja origem é sempre o Outro, ou o Sujeito a quem estamos submetidos. Nas palavras de Pêcheux:

Já observamos que o sujeito se constitui pelo ‘esquecimento’ daquilo que o determina. Podemos agora precisar que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apóia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (sob sua dupla forma, descrita mais acima, enquanto ‘pré-construído’ e ‘processo de sustentação’) que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito. (PÊCHEUX, 2014p. 150)

Ao proferir esses dois textos por escrito no Facebook, Jair Bolsonaro evidencia sua perspectiva ideológica de adesão às comunidades imaginadas (país, pátria), à ênfase na importância dos cidadãos nascidos no Brasil, em detrimento dos nascidos em outros lugares do mundo, e ao rechaço de diálogo com outros países-nação para a construção de estratégias “globais” para o enfrentamento da questão migratória atual.

Algumas considerações

Nesse texto, tratamos de estabelecer as bases e conceitos de ideologia, formação discursiva e do sujeito, fruto da ideologia (e, assim, de formações ideológicas cujas formações discursivas indicam), esclarecendo que não há linguagem neutra, nem a língua é produto do pensamento. Somos atravessados por opacidades que têm relação com o discurso, a língua, a ideologia e o inconsciente. Os esquecimentos, tanto o do sujeito como origem do discurso quanto da consciência sobre o que se diz, contam muito do assujeitamento que se opera quando de nossas enunciações. Ao analisar os dois textos de Jair Bolsonaro no Facebook, procuramos mostrar como se evidenciam o sujeito atravessado por formações ideológicas que remetem à pátria como posse (daí do pronome possesivo “nossa Brasil”), a lugar cujo acesso passa pelo merecimento e esse merecimento a provas de “honrar” símbolos pátrios, caros de outras épocas de nossa história, reverenciados e fomentados por sujeitos que comungam dessa ideologia.

Referências

BOLSONARO, Jair. O Brasil é soberano para decidir se aceita ou não migrantes. Quem porventura vier para cá deve estar sujeito às nossas leis, regras e costumes, bem como deverá cantar nosso hino e respeitar nossa cultura. Não é qualquer um que entra em nossa casa, nem será qualquer um que entrará no Brasil via pacto adotado por terceiros. *NÃO AO PACTO MIGRATÓRIO*. Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/>. Acesso em 14/01/2019, às 8h34min.

BOLSONARO, Jair. Jamais recusaremos ajuda aos que precisam, mas a imigração não pode ser indiscriminada. É necessário estabelecer critérios, buscando a melhor solução de acordo com a realidade de cada país. Se controlarmos quem deixamos entrar em nossas casas, por que faríamos diferente com o nosso Brasil? A defesa da soberania nacional foi uma das bandeiras de nossa campanha e será uma prioridade do nosso governo. Os brasileiros e os imigrantes que aqui vivem estarão mais seguros e com as regras que definiremos por conta própria, sem pressão do exterior. Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/>. Acesso em 14/01/2019, às 8h35min.

CARVALHO, Frederico Zeymer Feu de. *O sujeito no discurso*. Pêcheux e Lacan. Tese defendida na UFMG. Belo Horizonte, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. MAIGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos*. Campinas,SP: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 5^a. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

SUJETO E IDEOLOGÍA EN PÊCHEUX: QUÉ REVELAN UNA PUBLICACIÓN Y UN COMENTARIO DE JAIR BOLSONARO SOBRE LA SALIDA DE BRASIL DEL PACTO INMIGRATORIO

RESUMEN

Este texto moviliza los conceptos de sujeto e ideología para Pêcheux ([1979], 2008). El objetivo es llevar a cabo, con estas dos nociones, el análisis de dos textos en la página del presidente Jair Messias Bolsonaro, publicados en la red social Facebook en enero de 2019, cuando Brasil abandonó el Pacto de Migración. Ambos textos son una publicación publicada por el presidente y un comentario hecho por él en su publicación original. En ellos, se puede observar cómo la justificación para la partida del Pacto Migratorio está anclada en ideales de estado-nación, valores cívicos, "amor" por Brasil y su naturalización.

Palabras-clave: sujeto, ideología, Michel Pêcheux, pacto inmigratorio.

Recebido em 23/03/2020.

Aprovado em 21/05/2020.